**A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA EM LYGIA BOJUNGA**

Maria Lourena de Queiroz

Graduada em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN.

lourenaqueiroz4@gmail.com

Francisca Thais Pereira Costa

Graduada em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN.

E-mail: tatahpedagogia@outlook.com.

Iandra Fernandes Pereira Caldas

Professora Ma. da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN.

iandrafernandes@hotmail.com

**RESUMO:** A literatura infantil brasileira foi, durante muito tempo, relegada a simples objeto de transposição da moral e de valores subjugados essenciais para o desenvolvimento infantil. Só depois de algumas mudanças, que custaram um longo período de estagnação, é que pudemos ver a criança, e seus interesses, representados e legitimados mais fidedignamente nesse campo. A essa e outras conquistas está associada a figura de muitos autores, como Monteiro Lobato, e, em especial, a de Lygia Bojunga. Com propósito de aprofundarmos as discussões a esse respeito, objetivamos compreender como a representatividade da criança e seus interesses são colocados nas obras de Lygia Bojunga. Por consequência do exposto, trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, por meio do estudo indutivo. No intuito de construir um arcabouço teórico para as discussões, tomamos como base teórica os estudos de Sandroni (2011), Coelho (2000), Candido (2004), Cademartori (2006) e Zilberman (2005) que nos ajudaram a compreender como o sujeito infantil e seus direitos foram colocados nos livros da autora em questão. Com esse estudo concluímos que o leitor encontra, na escrita de Lygia Bojunga, um ambiente onde a criança é representada como supõe-se que deveria ser, assim como um espaço de profícua reflexão, que possibilita enxergar uma nova perspectiva, a partir do universo ficcional, do ser criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Infantil. Criança. Representatividade.

**INTRODUÇÃO**

As obras de Lygia Bojunga, começam representando as crianças, essencialmente, por meio do antropomorfismo (*Os colegas*, de 1972; e *Angélica*, de 1975) e depois se voltam para a criança representada por ela própria (*A bolsa amarela*, de 1976; *A casa da madrinha*, de 1978; e *Corda bamba*, de 1979), tratam de temas diversos que foram, e muitos ainda são, excluídos das discussões no universos infantil, como é o caso da separação conjugal, da morte, do abuso, das relações de poder, das questões de gênero, etc.

Quanto a isso, podemos perceber que a autora transcende em três pontos muito importantes na literatura infantil, que até então tinham sido insuficientemente explorados: o primeiro diz respeito às temáticas tratadas nas obras destinadas as crianças; o segundo se insere no campo da representatividade, onde se deixa de ter adultos ou apenas seres antropomorfizados no centro das narrativas e passa-se a ter a criança como foco principal; e o terceiro, uma aglutinação dos dois primeiros, está relacionado a forma como a autora defende os interesses da criança.

Por isso, a partir desse trabalho, objetivamos compreender como a representatividade da criança e seus desejos são colocados nas obras de Lygia Bojunga, de que forma ela supera o domínio do adulto escrevendo para crianças e entra no campo do ser infantil e se torna tão parte dele a ponto de descrevê-lo como alguém que, antes de tudo, sabe o que é ser criança, o que se sente e o que lhe é negado diariamente.

Sendo assim, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, por meio do estudo indutivo de algumas das obras da autora supracitada. Bibliográfica porque se trata de uma pesquisa que “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado [...]” (GIL, 2002, p. 41). Qualitativa, já que não visa a mensuração de dados e resultados quantificáveis, pelo contrário, busca uma contribuição qualificativa aos estudos na área. E, por fim, é um estudo indutivo, tendo em vista que parte de premissas (*Cf.* MARCONI e LAKATOS, 2003) passíveis de serem reorganizadas.

Inicialmente fizemos uma retrospectiva da história da autora para, só então, adentrarmos mais afundo na temática desse estudo. Ao final, percebemos que Lygia Bojunga tem um estilo único de representar seu público e escrever seus livros, além de trazer à tona muitas das problemáticas relacionadas as crianças, que são omitidas e excluídas do seu universo. Em síntese, as crianças de seus livros são livres, ou estão em busca de liberdade e de espaço, na criação de um universo de equilíbrio e harmonia entre todos.

**A AUTORA-CONSERTO: A MULHER POR TRÁS DA OBRA**

Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 29 de agosto de 1932. Mudou-se para o Rio de Janeiro com a família quando tinha oito anos de idade, onde já em 1951, aos dezenove anos, começou a trabalhar como atriz na Companhia de Teatro “Os Artistas Unidos”, que viajava pelo Brasil afora. Foi nessas viagens que a escritora presenciou o grande índice de analfabetismo que assolava o nosso país, o que a levou, posteriormente, a fundar e dirigir por cinco anos, juntamente com o seu marido, uma escola rural, chamada “Toca”, para crianças carentes. Lygia casou-se duas vezes e, com o seu segundo marido, mudou-se para a Inglaterra em 1982, vivendo, por muito tempo, alternadamente entre o Brasil e a Inglaterra.

Durante muito tempo Lygia Bojunga atuou no rádio e na televisão, antes de se dedicar a escrita, em 1972, e tornar-se mundialmente conhecida, aclamada e premiada. Dentre as principais premiações da escritora destaca-se o Prêmio Jabuti, recebido em 1973, o prêmio Hans Christian Andersen, recebido em 1982, o Prêmio da literatura Ratternfanger, recebido em 1986, e o prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award) da Princesa Victoria, da Suécia, recebido em 26 de maio de 2004. Em pouco mais de 10 anos, Lygia Bojunga foi a primeira escritora, fora dos Estados Unidos e Europa, a receber um dos mais importantes prêmios internacionais da literatura infanto-juvenil, o prêmio Hans Christian Andersen, sem contar que, no Brasil, a maioria dos seus livros foram premiados, até por mais de uma vez.

Atualmente, a escritora vive no Rio de Janeiro e atua na sua própria editora, a “Casa Lygia Bojunga”, fundada em 2002, onde resgata e publica exclusivamente seus livros, no intuito de ter um maior controle de todas as etapas de produção de seus livros e do caminho que eles percorrem até chegar aos seus leitores. Ela ainda é responsável pela Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, no Rio de Janeiro, onde, desde 2004, desenvolve projetos socioeducativos voltados para o estímulo da leitura para crianças e jovens.

De 1972 para os dias atuais a escritora já escreveu mais de vinte livros: *Os Colegas*, de 1972; *Angélica*, de 1975; *A bolsa amarela*, de 1976; *A Casa da Madrinha*, de 1978; *Corda Bamba*, de 1979; *O Sofá Estampado*, de 1980; *Tchau*, de 1984; *O Meu Amigo Pintor*, de 1987; *Nós Três*, de 1987; *Livro, um Encontro*, de 1988; *Fazendo Ana Paz*, de 1991; *Paisagem*, de 1992; *Seis Vezes Lucas*, de 1995; *O Abraço*, de 1995; *Feito à Mão*, de 1996; *A Cama*, de 1999; *O Rio e Eu*, de 1999; *Retratos de Carolina*, de 2002; *Aula de Inglês*, de 2006; *Sapato de Salto*, de 2006; *Dos Vinte 1*, de 2007; e *Querida*, de 2009.

Suas obras foram traduzidas para mais de 15 idiomas, dentre eles o francês, alemão, espanhol, norueguês, sueco, hebraico, italiano, búlgaro, checo e irlandês, além de serem adaptados e encenados em teatros do Brasil, Alemanha, Bélgica, Suécia e Holanda, como é o caso de *Corda Bamba* (1979) que virou peça e, posteriormente, foi filmado e transformado em filme pela TV sueca, em 1979.

De todas as suas obras, uma das mais conhecidas é *A bolsa amarela* (2007). Esse livro nos mostra o que ela sabe fazer de melhor, que é a transgressão dos limites entre fantasia e realidade, para representar os interesses da criança. Graças a isso, ela é comumente lembrada como sucessora de Monteiro Lobato, justamente por engendrar espaços onde a criança tem a chave, na imaginação ou na realidade, para a resolução de seus conflitos, através da liberdade, da imaginação, da fantasia, do maravilhoso.

**A INFÂNCIA AOS OLHOS DE LYGIA: DA REPRESENTATIVIDADE A DEFESA DOS DIREITOS**

As obras de Lygia Bojunga trazem diversos temas que são negados cotidianamente as crianças. A transversalidade de conteúdo em suas obras mostra o quanto a escritora toma partido dos problemas e anseios das crianças, além de enriquecer e particularizar suas obras. É o que afirma Pires, pois,

[...] além de diferenciar-se de muitos autores pela forma de escrever, por sua capacidade de unir o real e o fantástico como ferramenta de criação, a autora também se salienta pelo conteúdo de suas obras, pois trata de temas que, apesar de fazerem parte do universo infantil, não são discutidos com as crianças. Por entender que é indispensável ao leitor infantil refletir sobre a vida, a autora aborda, em suas narrativas, problemas reais que fazem parte do processo de crescimento [...] (PIRES, 2013, p. 47-48).

Um desses assuntos é a forma como Lygia Bojunga desenha as mulheres em seus textos. Analisando as suas obras temos, de um lado: Raquel, de *A bolsa Amarela* (2007), que é uma menina que não se aceita como tal porque os papéis que lhe são apresentados como “coisas de menina” não a encantam; Angélica, de *Angélica* (2004), que é uma cegonha que nega sua “tradição” e decide ser independe, construir seu próprio caminho; e a Vó do Vítor, de *O sofá estampado* (2015), que é uma senhora independente que viaja, trabalha e estuda.

Em contraposição, por outro lado, temos papéis opostos: a mulher do Jota, personagem de *Angélica* (2004), que é reprimida pelo marido durante toda a narrativa e só toma partido de si mesma no final, quando resolve ser ela mesmo, inclusive no nome; Mimi das perucas, mulher do Napoleão Gonçalves, personagem de *Angélica* (2004), que é dominada pelo consumismo; e Dalva, a gata de *O sofá estampado* (2015), que é superficial até mesmo nas relações e gasta todo o seu tempo vendo TV.

Há duas representações de mulher: uma ponderada, reflexiva, consciente da sua autonomia e liberdade ou pelo menos em busca disso; e outra reprimida, alienada, irreflexiva e acomoda aos papéis que lhes foram atribuídos. Sandroni (2011) afirma que as questões relativas a igualdade de gênero e os conflitos referentes a isso são tratadas de forma sutil e caricatural pela autora.

A escritora, assim como suas contemporâneas, está estritamente ligada a libertação e empoderamento da mulher, principalmente por meio de suas narrativas. Em *Angélica* (2004), de acordo com Ando e Silva (2007), “[...] há um questionamento dos papéis sociais tradicionalmente atribuídos ao homem e à mulher” (ANDO e SILVA 2007, p. 153). Questionamento este que leva ao empoderamento não só da protagonista, Angélica, mas também das pessoas a sua volta, como Porto, Jota e Jandira. Isso porque:

[...] o texto literário feminista consiste, na verdade, em um texto que apresenta um sujeito de enunciação consciente de seu papel social, ou seja, trata-se da consciência que a autora projeta na voz das personagens ou do narrador, revelando uma postura de embate em relação aos aspectos em que a sociedade a cerceia. (ANDO E SILVA, 2007, p. 153)

Ao trazer para suas obras temas como estes, Lygia Bojunga não trata apenas das relações homem-mulher e seus papéis no campo da literatura, seus pressupostos e indagações sobre os modelos e papéis femininos vão muito além disso, inserem-se em espaços de rupturas e quebra de valores, pensamentos e imagens do passado e adentram na sociedade e no mundo infantil.

Em seus livros ainda há espaço para questionar e refletir sobre os papéis masculinos desenhados pela escritora: Porto, de *Angélica* (2004), sente-se constrangido em relação a sua masculinidade por não poder pagar um jantar à Angélica e mais afetado fica quando ela sugere pagar, pois para ele o homem é quem faz isso, o que acontece de mesma forma com o pai de Angélica, quando sente que está perdendo o controle da família, especialmente por parte de uma filha mulher, e com Jota, quando a mulher vai se esgueirando da sua dominação por meio do trabalho.

Assim como as personagens femininas contrastantes, há também os masculinos: Afonso, de *A bolsa amarela* (2004), não quer ser galo de terreiro, nem muito menos mandar em galinha alguma, pelo contrário, preza pela autonomia delas; Napoleão Gonçalves, de *Angélica (2004)*, depois que a esposa morre, resolve levar a vida de forma mais caseira, cuidando da casa e dos filhos.

Cademartori (2006) afirma que Lygia Bojunga utiliza a própria infância para tratar de temas como esses, que são considerados adultos, e é através disso que ela propicia “[...] ao pequeno leitor a identificação com situações que afetam as personagens infantis e que, por encontrarem eco na vivência da criança que lê, permitem adesão ao mundo ficcional” (CADEMARTORI, 2006, p. 64).

Outra peculiaridade da escrita de Lygia Bojunga é a forma como ela metamorfoseia a criança nos animais. Este recurso, que segundo Zilberman (2005) é muito bem aceito pelas crianças leitoras, aparece em cinco livros da autora. Em *A bolsa amarela* (2007) e *A casa da Madrinha* (2017), Raquel e Alexandre são humanos, mas estão acompanhados de personagens animais que aparecem como auxiliares; em *Os Colegas* (2014), *Angélica* (2004) e *O sofá estampado* (2015) todos protagonistas são animais.

De acordo com Coelho (2000), os animais são “[i]mportantes presenças no mundo da literatura, [...] continuam sendo uma fonte de sugestões para a invenção de histórias atraentes para crianças e adultos” (COELHO 2000, p.167-168). Essa atração se dá, principalmente, pelo fato de os animais serem usados de forma a ser possível traçar semelhanças entre seu comportamento e o comportamento humano, algo que vem sendo feito desde as coletâneas de histórias da época medieval.

Inicialmente os animais foram usados na literatura para a instrução moral e religiosa e, com o passar do tempo, tornaram-se parte do folclore, da arte, da literatura, etc., influenciando o simbolismo e a imagística. Diferentemente desses contos, a fábula é voltada para um traço específico do caráter humano, a bondade, a inveja, a compaixão, etc. e seu intento é que o leitor note a semelhança entre o seu comportamento e o do animal, e no que esse comportamento possa resultar (SANDRONI, 2011).

Os animais de Lygia Bojunga não têm a mesma intenção moralista que os contos e as fábulas, não só apresentam semelhanças com o comportamento humano, como representam a criança, mas não de forma a inculcar-lhe valores, e sim com o propósito de mostrar que compreende e sente os mesmos medos, anseios e angustias. São “[...] animais que variam de espécie e de ‘temperamento’ segundo a inspiração da autora e as necessidades das várias narrativas, formando um bestiário que está entre os mais ricos da literatura brasileira contemporânea” (SANDRONI, 2011, p. 162, grifos do autor). Lygia mimetiza alguns comportamentos humanos nos animais, como a vaidade, a autoridade, o consumismo, porém, sempre de forma satírica contestando àquilo que representam, e não de forma moralizante.

Além de serem ferramentas para a crítica do que representam, os animais que Lygia Bojunga cria facilitam

[...] o reconhecimento de situações cotidianas e a criação de espaços imaginários dentro das possibilidades do universo infantil urbano brasileiro contemporâneo. [...] esses bichos trazem a marca do cotidiano, representam questões e atitudes do dia a dia, remetem ao real, têm função exemplar e aguçam a percepção crítica. (SANDRONI, 2011, p. 171)

Isso porque é através da arte, da literatura e das demais formas de expressão que nós nos sentimos mais próximos da realidade e podemos compreendê-la de forma mais clara, de modo que aquilo que não entendemos em nosso inconsciente, quando representado pela arte, pela literatura, se torna mais fácil de adentrar pelo consciente e aguçar nossa percepção sobre a vida, os sentimentos, as pessoas e tudo à nossa volta.

Além do que já foi citado, outro aspecto que é valido ressaltar nas obras de Lygia Bojunga é a posição do adulto com relação a criança, o que retoma a sua posição de defesa dos direitos da criança. Sandroni (2011) reconhece que a autora coloca a questão da autoridade adulta não na perspectiva dos adultos, principalmente homens, que são sempre colocados como chefes, mas pelo olhar da criança, tirando do adulto a detenção de todas as verdades e colocando nas crianças a capacidade de ação, reflexão e empoderamento. Afasta assim, a ideia de que somente a família e a escola são agentes responsáveis pela educação, proteção e controle da criança.

Isso corrobora com os pressupostos de Cademartori (2006), ao afirmar que os livros de Lygia Bojunga “[...] põem a berlinda duas instituições que chamam a si a responsabilidade de ensinar: a escola e a família. Denuncia-as por desrespeitarem a integridade da criança, restringindo a liberdade e a criatividade” (CADEMARTORI, 2006, p. 65).

Além de apadrinhar os interesses e direitos da criança, Lygia Bojunga coloca a arte como ponto de autoconhecimento e espaço para compreender a si mesmo e os outros. É a partir da arte, da música, da dança, da pintura, do teatro, da escrita e da inventividade que as suas personagens se encontram enquanto pessoas, encontram a si mesmo e aos outros, mas sempre acompanhados de grupos, patotas, bandos, turmas, etc. Zilberman (2005), a esse respeito afirma que:

Os dois cães da abertura da história não formam as figuras exclusivas da história. Aos poucos, eles encontram outros animais que, por alguma razão, estão marginalizados ou sentem-se infelizes, vindo a agregar-se ao grupo de amigos, de que nasce um conjunto musical. [...] as personagens [...] estão em busca de lugar na sociedade, que resulta – e essa é a peculiaridade da temática de Lygia – da descoberta artística. *Os Colegas*, [...] são cantores; Angélica, do livro com esse título, faz teatro; Raquel, protagonista de A Bolsa Amarela, escreve [...] A arte é, nesses livros, fator importante para a liberação das personagens, escolha que só coaduna com o teor dos livros nos quais os personagens aparecem, já que também eles provam-se inovadores e inconformados com a tradição da literatura infantil. (ZILBERMAN, 2005, p. 71)

Nesse mesmo viés da arte como libertação e da retomada dos coletivos, Sandroni (2011) especifica que há nas obras de Lygia Bojunga a valorização do trabalho como forma de realização, trabalho este marginalizado por ser caracterizado como arte, onde “[...] a criação coletiva que permite a realização de cada um. [...] A arte ao mesmo tempo que é encantamento, magia, é também denunciadora” (SANDRONI, 2011, p. 107).

É por isso que as narrativas de Lygia Bojunga podem ser consideradas introspectivas, à medida que internalizam em suas personagens as várias atribulações do mundo social e do mundo interior da criança. Zilberman alega que “ [...] é como se Lygia apontasse ser possível desvendar o universo interior da criança, por esse ter um conteúdo próprio, com imagens e aspirações, impossíveis de serem simplesmente reduzidas a noções de psicologia infantil ou de psicanálise” (ZILBERMAN, 2005, p 73-74). Além do alto nível de criação, da originalidade, suas obras possibilitam verdadeiros mergulhos na alma, adentrando na essência de ser criança.

Reforçando o que foi dito por Zilberman (2005), temos Amarilha (2009) que fala a respeito da identificação da criança leitora com as personagens:

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de elação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. (AMARILHA, 2009, p. 18)

O pequeno leitor ao vivenciar o processo de identificação e vestir-se de sua personagem favorita, confirma que foi tocado pelo texto de alguma forma, seja pela semelhança de contexto, de características, de angústias, medos ou alegrias. Ao identificar-se com uma personagem, a criança entra em sintonia com os sentimentos sociais/psicológicos das personagens, ao mesmo tempo que responde com os seus sentimentos que são representados pela personagem e é nesse momento que a catarse acontece.

A identificação com as obras de Lygia Bojunga e suas personagens acontece, principalmente, pelo fato dela tratar de assuntos e desejos comuns as crianças, isso permite com que ela adentre o universo infantil de forma mais intensa e verdadeira. Zilberman (2005, p. 76) ainda afirma que “[...] o leitor acompanha, pois, o amadurecimento da figura central, os percalços íntimos e, sobretudo as fragilidades [..], fornecendo [...] alternativas de representação que coincidem com seu próprio mundo e atitudes”. Desse modo, a literatura pode vir a contribuir não só para a identificação do leitor com a personagem, mais ainda, contribuir e servir de projeção para a resolução de seus conflitos interiores. É o que ressalta Amarilha (2009):

Ao entrar na trama de uma narrativa, o ouvinte ou leitor penetra no teatro. Mas, do lado do palco também, ele não só assiste ao desenrolar do enredo como pode encarnar um personagem, vestir sua máscara e viver suas emoções, seus dilemas. Dessa forma, ele se projeta no outro e através desse jogo de espelho ganha autonomia e ensaia atitudes e esquemas práticos, necessários à vida adulta. (TUTTLE, PAQUETE *apud* AMARILHA, 2009, p. 53)

Ao encarnar a personagem, o leitor sente-se representado pelos anseios que o texto literário representa de tal forma que, a partir do que sente por meio da leitura, encontra alternativas e soluções reais para os seus próprios anseios. A narrativa “[...] proporciona modelos antecipatórios de situações que a criança poderá vir a vivenciar como criança ou como adulto. Ler é, então, participar de um teatro íntimo, ser ator e espectador ao mesmo tempo e não ter outra plateia que não a si mesmo” (AMARILHA, 2009, p.53).

Isso nos mostra o quanto a literatura pode agregar tanto o prazer de ler, quanto a realização de algumas necessidades básicas do ser humano, como a de sentir representado. Candido (2004), a respeito disso, afirma que “[...] as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo”. (CANDIDO, 2004, p. 179).

A literatura infantil, de acordo com Sandroni (2011), a partir da sua linguagem simbólica, faz com que a criança leitora experiencie seus conflitos no plano imaginário, de modo que, a partir desse plano, possa refletir, amadurecer e encontrar respostas para esses conflitos. Isso só acontece porque a literatura, especificamente as obras de Lygia Bojunga, coloca a realidade da criança no plano da fantasia, e a partir da fantasia, trata de problemas comuns à infância e isso permite a adesão total dos seus leitores.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com todas essas ferramentas e artimanhas, Lygia Bojunga cria um estilo todo diferente de desenhar suas personagens, representar o seu público, encantar o leitor e escrever seus livros. Suas obras, que trazem como problemática os interesses relacionadas as crianças, conseguem, com os infortúnios de suas personagens, penetrar o mais íntimo espaço da imaginação e compreensão de seus leitores, o que só reafirma a sua destreza mais que especial de contar suas histórias, que não só prende o leitor, mas também o comove, o emociona, encanta e o arrasta para dentro de seus livros.

Em suas obras, a escritora cria espaços de equilíbrio e harmonia, onde não há representações de poder e de papéis fixos, mas há prazer em tudo que é feito, todos têm o direito e a oportunidade de saber e descobrir tudo aquilo que lhes instiga, e tudo gira em torno do bem estar comum, espaços esses construídos sob igualdades entre os homens, mulheres, idosos e, principalmente, crianças.

O leitor encontra, em todo o conjunto de livros de Lygia Bojunga, um ambiente onde a criança é livre e representada como supõe-se que deveria ser. Um local de profícua reflexão e contemplação, que possibilita enxergar uma nova perspectiva, a partir do universo ficcional, do ser criança . Como casa de consertos em pessoa, Lygia Bojunga e seus livros, nos mostram muito mais do que ficção/entretenimento, possibilitam ir além, bem lá na essência do ser criança, na literatura e na sociedade.

**REFERÊNCIAS:**

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ANDO, M. Y.; SILVA, R. M. G. **Entre lágrimas e adeuses: a imagem feminina e a formação do leitor em "Tchau" de Lygia Bojunga Nunes**. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 11, p. 143-156, Janeiro 2007. ISSN 1982-0836.

BOJUNGA, L. **A bolsa amarela**. 34 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

BOJUNGA, L. **A casa da madrinha**. 20 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2017.

BOJUNGA, L. **Angélica**. 23 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

BOJUNGA, L. **Os colegas**. 52 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.

BOJUNGA, L. **O Sofá Estampado**. 32 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2015.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A. Vários escritores. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre azul/ Duas cidades, 2004. Cap. 1, p. 169-191.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: análise, teoria e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PIRES, F. D. A. R. **A Literatura de Lygia Bojunga Nunes: o real e o fantástico como instrumentos de denúncia dos problemas sociais de crianças e adolescentes**. Porto Alegre: [s.n.], 2013.

SANDRONI, L. **De Lobato a Bojunga: As reinações renovadas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.